



INTERCÂMBIO

Psicologia islâmica: uma visão panorâmica sobre modelos e concepções teóricas da psiquê humana

Islamic psychology: an overview on theoretical models and conceptions of the human psyche

Sálua Omais*
Manoel Antônio dos Santos**

Resumo: A busca por novos paradigmas e epistemologias que atendam as demandas dos mais diversos grupos étnico-culturais tem sido uma tendência crescente no campo da psicologia. O uso de teorias universalizantes hegemônicas que por tanto tempo dominaram a Ciência, desconsiderando a influência da religião e da espiritualidade nas cognições, emoções e comportamentos do indivíduo, cria a necessidade de novas propostas epistemológicas a fim de abarcar tais singularidades. A inclusão da religiosidade/espiritualidade (R/E) nas práticas e intervenções terapêuticas tem sido encorajada pelos resultados positivos descritos pela literatura, tanto na esfera física quanto psíquica, o que inspira a necessidade de ampliação contínua do conhecimento neste campo. Esse cenário abre espaço para a conjugação de diversos saberes com a ciência psicológica em uma perspectiva multidisciplinar, entre os quais tem se destacado a psicologia islâmica. Este artigo é uma revisão de literatura que tem como objetivo apresentar as bases, marcos e elementos que contribuíram para a construção de alguns dos modelos teóricos da psicologia islâmica, analisando os avanços e desafios enfrentados na constituição deste campo de estudo. Diante disso, conclui-se que, apesar de o saber religioso não oferecer respostas para todas as indagações da ciência psicológica, ele pode agregar informações que ajudem na compreensão da psiquê humana e do estudo da alma. Embora seja um campo pouco explorado na ciência atual, a psicologia islâmica é uma epistemologia que possui suas raízes em saberes religiosos e filosóficos islâmicos milenares, tendo como proposta principal a construção de uma abordagem holística que integre as dimensões física, mental e espiritual.

Palavras-chave: Psicologia islâmica. Islã. Espiritualidade. Religiosidade. Psicologia da religião.

Abstract: The search for new paradigms and epistemologies that meet the demands of different ethnic-cultural groups has been a growing trend in the field of Psychology. The use of hegemonic universalizing theories that for so long dominated Science, disregarding the influence of religion and spirituality on the cognitions, emotions, and behaviors of the individual, creates the need for new epistemological proposals in order to encompass such singularities. The inclusion of religiosity/spirituality (R/S) in therapeutic practices and interventions has been encouraged by the positive results described in the literature, both in the physical and psychological spheres, inspiring the continuous expansion of knowledge in this field. This scenario opens space for the combination of different knowledge in a multidisciplinary perspective, among which Islamic psychology has stood out. This is a literature review that aims to present the bases, landmarks, and elements that contributed to some of the Islamic Psychology theoretical models, discussing the advances and challenges faced in this field of study. In view of this, it is concluded that, although religious knowledge does not offer answers to all the questions of psychological science, it adds information that can contribute to a better comprehension of the human psyche and the study of the soul. Despite being a little-explored field in current Science, Islamic psychology is an epistemology that has its roots in ancient Islamic

* Doutoranda em Psicologia (USP, São Paulo-SP). ORCID: 0000-0003-0009-7052 – contato: saluao-mais@hotmail.com

** Professor Titular do Departamento de Psicologia da FFCLRP/USP (São Paulo-SP). ORCID: 0000-0001-8214-7767 – contato: masantos@ffclrp.usp.br

religious and philosophical knowledge, having as the main proposal the construction of a holistic approach to the human psyche that integrates the physical, mental and spiritual dimensions.

Keywords: Islamic psychology. Islam. Spirituality. Religiosity. Psychology of religion.

Introdução

A ciência psicológica tem delineado, nas últimas décadas, uma trajetória cada vez mais ampla e diversificada no seu repertório de pesquisas. O surgimento de novos campos do conhecimento, assim como o renascimento de saberes antigos, cuja presença foi invisibilizada e em certos momentos excluída do olhar científico, tornaram a ocupar um lugar de destaque no contexto acadêmico. Tal expansão decorre tanto de demandas específicas quanto de movimentos que buscam o rompimento de uma visão colonial que, por muito tempo, universalizou e restringiu o campo da ciência a parâmetros construídos sob padrões ocidentais.

A identificação dos diversos elementos que exercem influência nas cognições, emoções e comportamentos dos indivíduos é um passo essencial no campo da psicologia. Isso torna cada vez mais notória e necessária a inclusão de novas abordagens que possam se aproximar da realidade de vida do sujeito e abarcar as crenças que o influenciam, juntamente com os valores que são mais significativos, congruentes e alinhados ao seu estilo de vida. Nos últimos anos, várias temáticas emergentes vêm ganhando força na literatura internacional como consequência do movimento decolonial e da necessidade de uma psicologia voltada para os povos nativos, sendo uma delas a psicologia islâmica (Al-Karam, 2018; Skinner, 2019; Pasha-Zaidi, 2021). Considerando tal cenário, esse estudo teórico tem como escopo discutir alguns dos fundamentos e bases teóricas que vêm sendo publicados por estudiosos da área e compreender as interrelações do funcionamento psíquico e espiritual, a partir de uma epistemologia religiosa.

A busca de um paradigma islâmico na psicologia

O islã é uma religião que ocupa um lugar de relevância na geografia mundial. O número significativo de adeptos e as perspectivas futuras de crescimento da população muçulmana criaram um contexto promissor e apontam para uma necessidade cada vez maior de profissionais, no campo da saúde mental, que atendam as especificidades dessa demanda. A ausência do aspecto religioso e espiritual nas concepções teóricas clássicas da psicologia, bem como a falta de adequação de testes, instrumentos e intervenções psicológicas alinhadas às particularidades religiosas, étnicas e culturais das mais diversas populações, incluindo-se nisto a população muçulmana, foram algumas das indagações que levaram pesquisadores como Muhammad Uthman Nagati e Malik Badri, pioneiros desse movimento, a empregar seus esforços rumo a uma psicologia mais holística e alinhada à visão de mundo islâmica (Badri, 2016, 2018; Elzamzamy, Ahmed, Hassan, El Mahdi, 2021).

Malik Badri (2016), professor e psicólogo sudanês, foi um dos precursores desse movimento, ganhando destaque a partir da publicação da sua obra *O dilema dos psicólogos muçulmanos*, considerada um dos marcos iniciais da psicologia islâmica moderna e um divisor de águas para estudiosos pertencentes a esse grupo, em função dos diversos questionamentos direcionados às teorias psicológicas da época. Badri reconhecia a importância de muitos experimentos e conhecimentos construídos pela psicologia em sua trajetória histórica, não descartando os avanços já alcançados por este vasto legado, sobretudo no campo da psicologia cognitiva. Essa última, segundo ele, seria a abordagem mais próxima da concepção islâmica, mas com uma visão ainda simplista da psiquê humana, uma vez que a tríade biopsicossocial ainda não englobava o elemento espiritual. Para Badri, a fé e a espiritualidade são forças cognitivas muito significativas que não deveriam ser excluídas da psicologia. No entanto, a principal indagação do autor se referia ao aspecto eurocêntrico, ateuista e universalizante da psicologia. Apesar das objeções de estudiosos da área, ele insistia na criação de um paradigma psicológico que incluísse as particularidades da fé islâmica e que pudesse oferecer subsídios para um atendimento mais alinhado às práticas, hábitos e estilo de vida próprio desse grupo, cujos comportamentos são permeados e modelados por tradições religiosas (Badri, 2016, 2018; Skinner, 2019).

Apesar dessas reflexões terem sido iniciadas há apenas algumas décadas, autores como Awaad, Elsayed, Ali e Abid (2021) lembram que as contribuições islâmicas dentro do campo da psicologia, na verdade, datam de muitos séculos, tendo suas raízes nas obras de filósofos islâmicos proeminentes que influenciaram diversas teorias e práticas contemporâneas. Filósofos como Al-Kindi, Ibn Miskawayh, Ibn Rushd (Averróis), Al-Farabi, Al-Razi, Abu Zayd Al-Balkhi, Ibn Sina (Avicena), Al-Ghazali, Al-Shuhrawardi, Ibn Taymiyyah e Ibn Al-Qayyim são apenas alguns dos nomes que, segundo os autores, deixaram um profundo legado na ciência psicológica, mas que infelizmente acabaram sendo ofuscados ao longo da história e invisibilizados nos espaços acadêmicos.

No entanto, foi somente nos anos mais recentes que o movimento começou a se consolidar por meio de obras de autores e pesquisadores da área, juntamente com a disseminação de instituições diversas ao redor do mundo criadas com o propósito de pesquisar e desenvolver perspectivas teóricas baseadas nos saberes islâmicos (Al-Karam, 2018; Haque; Rothman, 2021; Rasool, 2021).

Abu-Raiya e Pargament (2011) explicam que a psicologia do islã, ou psicologia islâmica, ao contrário dos tempos mais remotos, quando era explorada somente pelo ponto de vista teológico, tornou-se uma linha de pesquisa que vem se mostrando promissora na medida em que está sendo ampliada cientificamente por meio de estudos clínicos e empíricos. Além da multidimensionalidade e das particularidades da religião islâmica, os autores refletem que a ampliação da agenda de pesquisas sobre a psicologia do islã se deve ao amplo espaço que a religião ocupa no dia-a-dia dos muçulmanos e da comprovação da relação entre crenças e práticas religiosas com o bem-estar.

Ainda não existe um consenso entre os pesquisadores da área sobre uma definição precisa da psicologia islâmica. Alguns a definem a partir de uma conexão com o estudo filosófico da alma, enquanto outros a conceituam como uma abordagem holística e interdisciplinar que busca compreender a alma humana por meio das mais diversas

fontes, seitas e escolas de pensamento islâmicas (Rasool, 2021; Skinner, 2019). Rasool (2021) propõe uma definição para o termo que alia as ciências e práticas islâmicas ao estudo da alma, dos afetos, das cognições e dos comportamentos por meio de um paradigma apoiado em evidências.

O Alcorão é a fonte primária de todo e qualquer conhecimento islâmico, sendo considerado uma “autoridade” por se tratar de uma revelação divina. Por essa razão, apesar da imprecisão conceitual em torno da psicologia islâmica, nota-se que a maior parte dos teóricos concorda em um ponto: o uso dos ensinamentos do Alcorão e da *Sunna* (tradições proféticas) como base de seus estudos, já que são as duas fontes principais das ciências islâmicas (Rasool, 2021). Sendo assim, traz-se a seguir um panorama a respeito dessas fontes que têm servido de alicerce para essa nova epistemologia.

O Alcorão e a Sunna como fontes inspiradoras da psicologia islâmica

A palavra Alcorão significa “recitação”, ou “leitura por excelência”, em árabe (Hayek, 2019). Consiste em uma mensagem revelada por Deus ao profeta Muhammad por intermédio do anjo Gabriel, há mais de 1.400 anos, dando origem ao islã. Originalmente revelado na língua árabe ao longo de 23 anos até ser totalmente concluído, o Alcorão, além de ser considerado um livro sagrado, é uma fonte de autoridade para a comunidade muçulmana, a qual cresceu em torno de seus ensinamentos e prescrições (Hathout, 2014). Assim, considerado uma revelação divina, o Alcorão – juntamente com a coletânea de ditos e tradições proféticas, a *Sunna* – constituem as fontes primárias utilizadas na construção do conhecimento da psicologia islâmica, reunindo uma compilação detalhada sobre assuntos variados (Rasool, 2021).

Nos últimos anos, diversos estudos realizados por seguidores do islã e pesquisadores em geral têm se dedicado a compreender e explorar melhor o Alcorão, tanto em seus aspectos linguísticos, históricos, religiosos, quanto em temáticas mais específicas contidas em suas páginas, como saúde e comportamento, relações familiares e sociais, astronomia, meio ambiente, justiça, comércio, ética, moral e finanças, entre outros. Do mesmo modo, estudos recentes vêm explorando como os conteúdos dos versículos corânicos podem contribuir para a promoção da saúde mental. A espiritualidade no Alcorão possui uma clara abordagem holística, cujo escopo não é somente oferecer respostas existenciais sobre o sentido da vida, mas unificar as mais diversas dimensões, externas e internas, individuais e sociais, a fim de alcançar um estado de equilíbrio completo do indivíduo consigo e com o mundo que o circunda.

Bensaid et al. (2014, p. 196), em estudo que explora de forma sistemática diversos versículos corânicos, afirmam que existe uma inteligência espiritual que abrange “a alma, o intelecto e as necessidades humanas em um movimento dinâmico de purificação espiritual, aprimoramento de caráter e perfeição moral, não apenas de um eu isolado, mas de indivíduos comprometidos com Deus e com a construção da sociedade humana”. Esse argumento reconhece a complexidade envolvida nos aspectos espirituais, cognitivos e comportamentais que se entrelaçam nos ensinamentos contidos no texto sagrado e que se entrelaçam tanto no nível individual quanto no coletivo. Essa perspectiva espiritual

abrange a consciência e a conexão íntima do indivíduo com Deus em uma interação dinâmica entre ambos, em diferentes circunstâncias, e inclui os esforços do fiel na sua evolução como pessoa, na busca da purificação e vigilância de seus atos, e não somente por meio das suas práticas religiosas propriamente ditas.

Uma prática, também estimulada no Alcorão, que alinha a dimensão espiritual ao intelecto (cognição), é o *tafakur*, termo traduzido, na sua forma literal, como contemplação, mas que na verdade representa uma forma de instigar o indivíduo a pensar e refletir sobre o modo como o mundo e as coisas funcionam. Segundo Badri (2018), esse tipo de contemplação une a espiritualidade, simbolizada pela consciência de Deus como criador de todas as coisas, juntamente com um processo de observação, reflexão, percepção e compreensão de tudo aquilo que faz parte da Sua criação e que, conseqüentemente, retornará na forma de um sentimento ainda maior de admiração pela perfeição e grandiosidade divina. É a partir disso que se explica a ênfase dada no islã à busca do conhecimento em todas as suas dimensões e à compreensão da lógica das coisas, já que a concepção sobre a natureza do espírito ainda é um mistério para a ciência. A simplificação dos aspectos biológicos da natureza humana estimulada pela ciência, segundo o autor, só ocorreu pelo fato de o saber científico ter excluído a dimensão filosófica e espiritual deste campo do conhecimento, deixando de lado a importância de se investigar o indivíduo em toda a sua complexidade, numa perspectiva mais integrativa.

O bem-estar social reflete-se no bem-estar individual e vice-versa. Por essa razão, as prescrições islâmicas incluem fortemente o tema das relações humanas, por meio de orientações e diretrizes sobre a adoção de comportamentos éticos e boas maneiras no tratamento mútuo, seja no âmbito familiar ou no da coletividade. A ética ocupa um espaço de destaque nas prescrições do Alcorão e da *Sunna*. Preceitos ligados à moral e ao caráter também são partes essenciais da espiritualidade islâmica. Primeiramente, são firmados a partir da crença e do conhecimento para que possam, então, se concretizar por meio de práticas e condutas (Othman, 2016). Nesse aspecto, dois termos são muito utilizados: o *ahlaq*, qualidades nobres do caráter, e o *adab*, que são as boas maneiras. De acordo com Omar (2013), esse tema já foi explorado por extensa literatura de matriz tanto religiosa quanto filosófica, incluindo temáticas vinculadas às virtudes morais, à justiça, ao amor, à amizade, à prática do bem, aos vícios e ao refinamento do caráter.

Ao mesmo tempo que o Alcorão incentiva o esforço humano na busca do aperfeiçoamento ético e espiritual, também se mostra flexível com relação aos limites, possibilidades e circunstâncias particulares de cada indivíduo, uma vez que muitas ações podem estar além da sua capacidade por diversas razões. Alguns versículos do Alcorão contêm uma perspectiva positiva do ser humano e de sua capacidade de crescimento e evolução, na relação do indivíduo consigo próprio, com os outros, com a natureza e, especialmente, na relação com Deus, que se fortalece por meio da confiança. Isso não significa uma relação alienada e de total dependência, e sim que tanto as ações humanas quanto a relação com Deus são necessárias para o seu progresso, de forma conjunta. A confiança em Deus, nomeada pelos muçulmanos por meio da expressão *tawakkalu ala Lahi*, é um recurso que se soma às ações que ele realiza, um elemento que enseja segurança, tranquilidade e, por esse motivo, é mencionado como uma espécie de refúgio, de porto seguro diante de situações adversas que suscitam temores e incertezas (Faheem, 2020).

As fontes islâmicas também reforçam a importância da busca do equilíbrio emocional. Ditos proféticos (*hadith*), como o que menciona que “o forte não é aquele que vence o povo pela sua força, mas aquele que se controla enquanto está com raiva”, indicam ao indivíduo como se comportar face a situações estressoras, recomendando a prudência e contenção dos sentimentos de fúria (Sahih Al-Bukhari). O Alcorão também faz menção aos estados emocionais negativos, tais como tristeza, medo, desespero, angústia, desamparo, entre outros, de duas formas diferentes. Essas emoções tanto podem ser consequências das próprias ações humanas, quanto, ainda, do ponto de vista espiritual, de um enfraquecimento da conexão com o divino (Bensaid, 2014). Por outro lado, infortúnios, doenças e situações desafiadoras são eventos entendidos muitas vezes como oportunidades de fortalecer a fé e a espiritualidade do muçulmano, fazendo-o se aproximar ainda mais de Deus e estreitar os laços com sua comunidade religiosa. Na verdade, tanto as emoções positivas quanto as negativas podem ser compreendidas de formas diversas pela concepção islâmica. O Alcorão nem sempre aponta as situações negativas ou o sofrimento como experiência intrinsecamente ruim ou punição, e sim como algo que, por vezes, pode ser bom, ou até mesmo uma benção. Do mesmo modo, experiências positivas também nem sempre são benéficas na concepção religiosa, dependendo das circunstâncias nas quais elas se originam (Joshano, 2012).

Bensaid et al. (2014) afirmam que, sob as premissas islâmicas, o comportamento é pautado por orientações que oscilam entre o temor e o perdão de Deus, o medo e a esperança na Sua misericórdia, e a expectativa de punição e recompensa. Observa-se, assim, um modelo de espiritualidade que não se pauta em um extremo exclusivamente positivo ou puramente negativo, mas sim na busca do equilíbrio entre ambos. Segundo os autores, a forte aproximação da pessoa com Deus e Seus mandamentos fortalece sua autoconsciência e cria uma relação positiva do eu que se reflete em seu próprio ambiente. Isso, por sua vez, motivaria o indivíduo a se esforçar para aperfeiçoar suas condutas, tanto em relação a si próprio quanto para os outros, ao contrário do que ocorre quando o foco é voltado exclusivamente para a satisfação das necessidades e desejos individuais, o que fragiliza e dificulta essa conexão espiritual. Os autores destacam ainda que uma espiritualidade enfraquecida torna o indivíduo mais suscetível a influências externas, levando-o a subestimar seus potenciais e a sucumbir mais facilmente ao estresse, ao desânimo, ao desespero e a outros estados emocionais negativos e vulnerabilizantes.

É importante frisar que, apesar dos impulsos e desejos físicos não serem, na abordagem islâmica, considerados o motor propulsor das ações humanas, a dimensão espiritual não se restringe somente à alma, mas busca também integrar as necessidades do corpo no intuito de manter o equilíbrio da esfera física com os outros elementos. Para Tabbarah (2001), ainda persiste na sociedade secular a ideia de que o bem-estar espiritual não se alinha ao mundo material e à busca dos prazeres mundanos, e isto faz com que muitas pessoas optem por esse ou aquele caminho, como se fossem escolhas de vias distintas e inconciliáveis, que não podem se misturar. É como se não houvesse a possibilidade de alinhar os desejos e as necessidades humanas à dimensão espiritual, quando, na verdade, o Alcorão, juntamente com a *Sunna*, incentiva a satisfação das necessidades físicas, materiais e espirituais do ser humano, dentro daquilo que é considerado lícito.

Incluem-se nesse conjunto temáticas e orientações ligadas ao comportamento alimentar, afetivo, sexual e social de modo geral.

Questões referentes ao relacionamento conjugal aparecem com frequência em passagens do Alcorão e narrações proféticas. Podem-se mencionar como exemplos algumas passagens do Alcorão que incentivam o respeito mútuo entre o casal, afirmando que “entre os Seus sinais está o de haver-vos criado companheiras da vossa mesma espécie, para que com elas convivais; e colocou amor e piedade entre vós. Por certo que nisto há sinais para os sensatos” (Alcorão 30:22). Ou ainda um *hadith* que declara que “o melhor de vocês é aquele que é melhor para sua esposa” (Sunan Ibn Majah). O comportamento sexual também se inclui nas prescrições religiosas. Isso pode ser ilustrado por meio de um ensinamento profético que afirma que cada relação sexual praticada no âmbito conjugal se equipara a uma caridade ou boa ação, a *sadaqah*, que um cônjuge proporciona ao outro.

Não se trata somente de adotar uma interpretação literal dessa prescrição, mas atentar para sua mensagem simbólica, entendendo como uma forma de recompensar aqueles que se esforçam em manter a fidelidade e os laços conjugais ao longo do tempo, bem como uma maneira de reforçar o elo de intimidade que une o casal e, com isto, desestimular a prática de relações proibidas ou fora do casamento. Percebe-se aqui uma concepção religiosa segundo a qual o sexo não é visto como algo impuro ou sujo, feio ou repulsivo, e sim como um tema que, apesar de “secular”, integra o repertório de regras de conduta islâmicas. Ao contrário do que muitas vezes se propaga no senso comum, a educação sexual no islã não é assunto tabu, sendo incluída como um aprendizado necessário para todos, porém de acordo com uma linguagem considerada adequada para cada faixa etária (Ashraah, Gmaian, Al-Shudaifat, 2013). Esse é apenas um exemplo de um assunto bastante complexo que é tratado pelo islã, entre outros ligados ao tema, que atestam que a satisfação de necessidades do corpo é indissociável da gratificação das necessidades da alma, sendo ambas integradas e incluídas na dimensão espiritual, desde que se mantenham dentro dos limites do que é prescrito como lícito para os muçulmanos.

Modelos teóricos para o estudo da alma e da psiquê humana

Nos últimos anos, publicações de diversos pesquisadores começaram a fortalecer e ampliar a visibilidade do movimento da psicologia islâmica no campo científico. Nesse processo é fundamental buscar um modelo conceitual mais preciso que possa servir de ponto de sustentação para as teorias psicológicas islâmicas. Keshavarzi e Ali (2021) explicam que modelos epistemológicos islâmicos são construídos basicamente a partir de três requisitos metodológicos: o conhecimento revelacional, oriundo das revelações divinas (*wahy*), tradições religiosas e de outras fontes; o conhecimento racional, obtido por meio de métodos indutivos ou dedutivos baseados em evidências (*istidlali*); e o conhecimento empírico, baseado na observação e experiência (*hawass salimah*). O elemento que diferencia a psicologia tradicional da psicologia islâmica reside justamente no uso das revelações divinas como uma de suas bases epistemológicas e metodológicas.

Segundo os autores, a inclusão dessas fontes é essencial pelo fato de serem o único conhecimento ao alcance dos seres humanos capaz de fornecer explicações a respeito do mundo espiritual, o qual, devido ao seu caráter imaterial, não pode ser acessado facilmente por outros métodos comuns. Em outras palavras, as revelações divinas servem como guia para a compreensão do funcionamento da alma e de fenômenos transcendentais, os quais ainda são desconhecidos ou não passíveis de ser aferidos pelo conhecimento empírico ou racional.

A maior parte dos modelos propostos sobre a psicologia islâmica foi e continua sendo construída com base nos ensinamentos corânicos, sendo o primeiro e mais antigo deles a proposição formulada há mais de mil anos pelo filósofo muçulmano Abu Hamid Muhammad Al-Ghazali, a partir da qual foram desenvolvidas diversas outras teorias que dão uma posição de destaque ao aspecto metafísico e espiritual, juntamente com elementos filosóficos, ontológicos e psicológicos.

O arcabouço organizado por Al-Ghazali serviu de base filosófica estrutural para a construção e desenvolvimento para as mais diversas teorias no campo da Psicologia Islâmica. Uma delas é o modelo sugerido por Abu-Raiya (2012), que propõe uma teoria corânica da personalidade representada por um modelo psicoespiritual, dinâmico e holístico, que explica como o espírito, o intelecto, o coração e o ego interagem entre si, de modo a equilibrar as forças ligadas à obtenção do prazer com a consciência moral e a capacidade reflexiva proporcionada pela razão.

Al-Ghazali foi um dos grandes expoentes do sufismo e da filosofia islâmica e suas obras datam do século XI EC. Partindo de conteúdos presentes no Alcorão, o filósofo sistematizou uma estrutura de personalidade baseada na representação metafísica de quatro elementos: o espírito (*ruh*), que representaria a força da vida e a conexão com o divino; a alma (*nafs*), representando o comportamento e suas inclinações para o bem ou para o mal; o intelecto ou razão (*aql*), representando a cognição e a racionalidade; e o coração (*qalb*), que é afetado positiva ou negativamente pela interação entre as outras estruturas. O coração, na visão islâmica, não se refere ao órgão físico do corpo, mas a um conceito simbólico, espiritual, exercendo, assim, uma influência sobre o intelecto e a alma (Badri, 2018; Keshavarzi, Ali, 2021; Skinner, 2019).

O conceito de alma no islã se aproxima do conceito de psiquê, uma vez que a própria tradução do termo “psicologia” (*ilm an nafs*) do idioma árabe para o português significa “conhecimento da alma”. Na concepção islâmica, alma e espírito são estruturas diferentes. Rothman e Coyle (2018) explicam que a alma (*nafs*), na perspectiva corânica, representa a personalidade do indivíduo, juntamente com seus impulsos, desejos e inclinações, enquanto que o espírito é uma dimensão individual mais elevada e conectada ao divino. De acordo com Keshavarzi e Ali (2021), o termo *nafs* também pode ser traduzido como “inclinações comportamentais”, tendo em vista que muitos dos conceitos inspirados na obra de Al-Ghazali foram construídos sob a premissa de que a alma está em constante evolução, numa luta interna constante (*jihad el nafs*) entre suas inclinações para o bem ou para o mal. Essa evolução percorre três estágios. No primeiro, a alma se inclina para os impulsos mais primitivos (*nafs al ammarah*); o segundo se traduz por uma atitude autocrítica (*nafs al lawwama*) na qual, por meio da autoconsciência, da conexão com Deus e com a espiritualidade, o indivíduo alcança

um nível mais elevado que o ajuda a controlar seu lado instintivo; e o terceiro, o estágio no qual a alma fica em paz (*nafs al mutmainah*), quando um determinado nível de satisfação e contentamento é alcançado por meio da união do indivíduo com Deus e da submissão aos Seus ensinamentos (Keshavarzi, Ali, 2021; Rothman, Coyle, 2018; Skinner, 2019).

Outro conceito que pode ser visto como um dos elementos centrais na compreensão da natureza humana no islã é o de *fitrah*, concepção que parte do princípio de que todo indivíduo, ao nascer, segue as leis naturais e divinas que lhe conferem um estado natural e de pureza. Adicionalmente, haveria também uma disposição ou tendência inata do indivíduo a se conectar a Deus. Munido dessas características intrínsecas, o indivíduo seria dotado naturalmente da capacidade de distinguir entre certo e errado, utilizando para tanto o poder do intelecto, seu livre-arbítrio e as revelações divinas como fontes básicas de orientação (Yasien, 1996). Por livre-arbítrio entende-se a possibilidade de escolher e decidir em função da própria vontade, isenta de qualquer condicionamento, motivo ou causa determinante.

Segundo Rothman e Coyle (2018, p. 1742), “a alma humana tem uma natureza inatamente pura e boa, *fitrah*, que vem de e está ligada a Deus, mas que se torna coberta e esquecida como parte natural da vida na *dunya*”. Ao longo de sua vida na *dunya* (vida mundana), a alma experimenta uma interação dinâmica de forças conflitantes que afetam o estado psicológico do indivíduo. Essas forças antagônicas que revolvem a alma determinam os níveis relativos de alinhamento ou desalinhamento com a *fitrah*.

De acordo com essa concepção, o distanciamento do sujeito em relação à sua natureza original, ao submeter-se a influências ambientais, teria como consequência seu desequilíbrio psicológico. Em contraposição a esse desfecho, a evolução do indivíduo no decorrer do ciclo vital se daria pela purificação da alma e do coração, o que o aproximaria novamente da forma pura e original na qual ele foi criado (*fitrah*). Essa purificação é uma luta interna que demanda um esforço constante do indivíduo, ao longo da vida, para lidar com os seus desejos e impulsos. A *fitrah* seria uma espécie de “coluna vertebral” do ser humano, um eixo ordenador, puro e imutável por estar ligado à dimensão do espírito (*ruh*). A *fitrah* é nutrida pela conexão que o indivíduo estabelece ao se conectar a Deus, por meio da qual ele recebe orientação e discernimento. A tendência inata do ser humano de buscar Deus se manifesta, por exemplo, quando, diante de uma situação desafiadora, o indivíduo se volta com mais intensidade para essa conexão profunda (Rothman, Coyle, 2018; Yasien, 1996).

Por meio desse paradigma, compreende-se que o sujeito é um ser intrinsecamente vulnerável aos estímulos e desejos da alma (*nafs*) devido às suas emoções e impulsos biológicos, os quais, apesar de não ser inerentemente ruins, acabam sendo mais inclinados para aquilo que lhe é prejudicial. O coração (*qalb*), juntamente com o intelecto (*aql*), seriam os responsáveis em direcionar o indivíduo para a escolha entre as paixões e impulsos mais baixos da alma (*nafs*) ou a busca do equilíbrio, treinando para alcançar níveis mais elevados nos quais as paixões se unam à dimensão espiritual (*ruh*) e se alinhem novamente à mesma natureza pura e inata conferida por Deus ao seu nascimento, a *fitrah*. A integração harmônica desses quatro elementos levaria o indivíduo a alcançar novamente o estado de pureza e bondade (*fitrah*), incorporando-o às suas condutas e

comportamentos. É um ciclo que se repete e se renova constantemente na rotina do ser humano, e é por meio deste movimento incessante que o sujeito caminha em direção à sua progressiva evolução ao longo da vida (Rothman, Coyle, 2018; Yasien, 1996).

Segundo Keshavarzi e Ali (2021), a ausência de uma vida piedosa pautada por ensinamentos divinos ocasiona um desequilíbrio psicoespiritual que torna o indivíduo ainda mais vulnerável à doença ou à disfuncionalidade. Em razão de seu caráter holístico, na perspectiva islâmica o sintoma ou a doença não são fenômenos que se restringem somente à esfera física ou mental, mas também à ausência do elemento espiritual, que impacta igualmente a saúde. Os autores apresentam um modelo ontológico da psiquê que busca explicar o funcionamento psicoespiritual do ser humano, e que também é inspirada em reflexões de pensadores muçulmanos antigos. Eles explicam que os impulsos animalescos focados na busca do prazer hedônico, assim como os instintos agressivos, são os principais fatores que levam o indivíduo a se afastar da sua natureza angelical (*fitrah*). No entanto, o uso de propostas terapêuticas que incluam práticas como a introspecção da consciência (*inkishaf*), somadas ao treinamento espiritual (*tarbiyah*), facilitariam o retorno do sujeito ao seu estado original. Os autores sugerem diversos métodos de intervenção e processos de mudança que podem ser aplicados a partir desses conceitos e da união de elementos cognitivos e espirituais.

A moralidade presente nas religiões é um elemento que, em certos aspectos, contrasta com a interpretação leiga proposta por algumas teorias psicológicas. Prescrições e restrições que, sob a lógica da visão religiosa, têm como propósito disciplinar o indivíduo e estabelecer limites ao seu comportamento; na perspectiva da visão tradicional, elas podem ser interpretadas como problemáticas por exercer um papel de controle das necessidades e liberdades individuais. O questionamento que surge desse conflito de ideias é: como é possível universalizar teorias e práticas baseadas em explicações teóricas que se opõem frontalmente às crenças do indivíduo e à sua orientação de mundo?

A tarefa de perseverar no caminho da purificação da alma, porém, não seria possível sem o conhecimento, no sentido lato da palavra, proporcionado por meio do intelecto. No entanto, descartar o conhecimento do mundo invisível e de seus elementos transcendentais, na visão islâmica, compromete tanto a dádiva prodigiosa da fé quanto as escolhas que o indivíduo faz ao longo de sua existência, uma vez que tais escolhas não se baseiam somente naquilo que o indivíduo vê, mas também nas suas crenças espirituais. Tal fenômeno pode ser exemplificado por uma analogia à situação de uma criança em tenra idade, que ainda não alcançou o pleno discernimento das coisas. Ao pedir a ela que escolha entre um doce e uma pedra preciosa, é muito provável que ela escolha o doce, por ainda não ter conhecimento suficiente sobre o valor material do outro objeto. Do mesmo modo, o ser humano, por não ter acesso direto ao mundo transcendental, tende a se apoiar somente naquilo que lhe é familiar e visível, e que lhe oferece a perspectiva de reverter em vantagens imediatas. A possibilidade de alcançar esse conhecimento do transcendente, na perspectiva islâmica, só seria exequível por meio do estreitamento da conexão íntima do espírito humano com Deus, por meio das crenças e prática renovada dos rituais, das condutas diárias, da autorreflexão e da ampliação do conhecimento (Al-Ghazzali, 2001).

O modelo proposto por Rothman e Coyle (2018), além de se inspirar nas fontes religiosas e nos conceitos de Al-Ghazali e de outros filósofos muçulmanos, também reforça a visão positiva da natureza humana, segundo a qual o indivíduo busca constantemente seu autodesenvolvimento e sua evolução por meio de um esforço contínuo atrelado à expansão de sua espiritualidade. Os autores mencionam três estágios dessa evolução: a purificação da alma (*tazkiyat an nafs*), que representa a busca de um nível espiritual elevado no qual a pessoa busca aperfeiçoar suas ações e intenções; a luta da alma (*jihad al nafs*), que envolve a autorreflexão e o esforço do indivíduo em corrigir suas falhas e imperfeições de seu caráter e lidar com seus impulsos usando, para tanto, os ensinamentos religiosos como guia; e, por fim, o terceiro estágio, que representa o refinamento do caráter (*tahdhib al akhlaq*), no qual o indivíduo é guiado, por meio de preceitos morais e éticos, a adotar comportamentos mais adequados, que vão contribuir tanto para o seu bem-estar pessoal quanto para o daqueles ao seu redor, protegendo-o, assim, do sofrimento.

Além de integrar saberes religiosos milenares aos modelos teóricos, a proposta da psicologia islâmica também tem trilhado um caminho na busca de intervenções terapêuticas que integrem a espiritualidade ao tratamento psicológico. Tais aplicações já vêm sendo inseridas em alguns países, corroborando uma tendência cada vez mais promissora demonstrada por estudos e pesquisas que têm se dedicado a investigar os resultados dessa abordagem a longo prazo (Al-Karam, 2018; Haque, Rothman, 2021). Segundo Keshavarzi e Haque (2013), diversos estudos vêm documentando a relevância dessa integração por meio de desfechos que comprovam a efetividade das intervenções.

A diversidade de temáticas presentes no islã e em suas fontes tem gerado, nos últimos anos, uma ampliação crescente das áreas de investigação na psicologia islâmica. Entre os temas listados se encontram pesquisas que buscam resgatar as contribuições históricas de pensadores muçulmanos no campo da psicologia, o desenvolvimento de modelos e abordagens teóricas, a proposta de intervenções e técnicas no âmbito da psicologia islâmica, a adaptação de modelos teóricos tradicionais da psicologia às práticas e crenças islâmicas, e a criação de testes e escalas especificamente adaptados para a população muçulmana (Haque et al., 2016). Tais temáticas mostram a amplitude do campo de investigação com que os pesquisadores têm se deparado, identificando uma agenda de pesquisas com temas que podem agregar especificidades ao repertório da psicologia.

Desafios e limitações enfrentados na constituição do campo

A construção de uma nova epistemologia dentro da ciência psicológica não é uma tarefa fácil, sobretudo quando se trata de valores e visões de mundo muito diferentes dos padrões ocidentais. O primeiro passo para a inserção de uma psicologia que atenda aos anseios de um determinado grupo étnico ou cultural é despir-se de conceitos universalizantes. O movimento da decolonialidade em busca de novas psicologias que incluam a diversidade de crenças e ideologias tem sido o caminho mais propício para essa abertura da ciência. Apesar dos diversos estudos sobre a psicologia da religião e da espiritualidade ao redor do mundo, ainda parece existir uma resistência a novas

perspectivas teóricas diferentes das tradicionais, sobretudo no que se refere à religião, que, por tantas décadas foi excluída do saber psicológico.

De acordo com Rasool (2021), apesar dos estudos já publicados e da crescente disseminação de centros de pesquisa sobre essa temática ao redor do mundo, a psicologia islâmica ainda enfrenta barreiras para a sua inserção nos currículos acadêmicos de cursos de graduação e pós-graduação, cujas causas, segundo o autor, se devem às restrições impostas por instituições e conselhos profissionais, que ainda não estão alinhadas a esses novos movimentos e tendências.

O processo de descolonização em prol de uma psicologia nativa – cunhada pelo termo *indigenous psychology* – envolve antes de tudo uma descolonização das instituições educacionais que ainda se encontram presas aos currículos tradicionais construídos a partir de uma única perspectiva cultural. Essa restrição ocorre em países de maioria islâmica ou não (Al-Karam, 2018; Pasha-Zaidi, 2021; Rasool, 2021). A colonização do conhecimento por meio de uma visão de mundo ocidental em detrimento dos saberes locais ainda ocupa uma posição de domínio e “superioridade” que também se faz presente em países muçulmanos. Na verdade, esse é o “dilema” que, segundo Badri (2016), tem sido vivenciado por psicólogos muçulmanos ao redor do mundo, criando assim um conflito que envolve escolher entre uma epistemologia islâmica que inclua suas crenças e valores ou manter-se sob a égide de uma psicologia secular e hegemônica que ainda domina o mundo acadêmico e profissional, resistindo a abrir espaço a novas perspectivas teóricas (Badri, 2016; Rasool, 2021).

Nos países islâmicos, os próprios profissionais muçulmanos ainda não valorizam adequadamente o próprio conhecimento porque aprenderam que as teorias ocidentais são mais corretas e eficazes do que os conhecimentos locais, ou porque internalizaram o princípio de que a religião não pode se misturar à psicologia. Tendo em vista que a colonização do saber ainda demanda tempo para ser superada, Rasool (2021) sugere como alternativa o oferecimento de cursos e disciplinas eletivas sobre essa temática enquanto não for possível incluí-la nos currículos acadêmicos.

A psicologia islâmica ainda tem um longo caminho a percorrer. Autores como Skinner (2019) e Keshavarzi e Ali (2021) admitem que ainda há muito a ser demonstrado e desenvolvido nos modelos teóricos desenhados por eles, como, por exemplo, protocolos de tratamento ou teorias que expliquem a natureza de algumas patologias a partir desta perspectiva. Além disso, as propostas holísticas geram um desafio a mais na ciência por exigir um conhecimento mais abrangente sobre diferentes campos do conhecimento, bem como a necessidade de métodos de pesquisa e de técnicas de intervenção diversificados (Skinner, 2010).

É importante que o profissional use de seu bom senso e parcimônia na aplicação de intervenções que se baseiem nessa perspectiva, ou seja, é preciso que o perfil do paciente seja compatível com essa proposta, uma vez que o nível de religiosidade varia de indivíduo para indivíduo. O fato de ser uma epistemologia construída a partir da visão de mundo e dos valores de uma religião específica torna imprescindível o cuidado com a questão ética, evitando assim o proselitismo religioso com relação a pacientes pertencentes a outras religiões, bem como qualquer tipo de indução ou imposição de práticas que não se alinhem às suas crenças e objetivos (Keshavarzi, Haque, 2013).

Considerações finais

O estudo da psicologia da religião precisa ampliar seu olhar para as particularidades das diversas formas de religiosidade, atentando-se não só à dimensão espiritual, mas também à influência dos conteúdos religiosos sobre os diversos aspectos da vida do sujeito. O espaço ocupado pela religião oscila de acordo com as inclinações e interesses do indivíduo, porém, não se restringe somente a isso. As religiões ou filosofias religiosas, que além de abarcar um conjunto de crenças, práticas e rituais também englobam assuntos seculares, deixam de ser simples coadjuvantes e passam a ocupar um lugar de protagonismo no estilo de vida da pessoa. A doutrina islâmica é um exemplo disso, tendo em vista que as temáticas por ela abordadas extrapolam o campo espiritual, envolvendo, assim, diversas facetas da existência humana.

Considerando que os fatores que influenciam a saúde mental do indivíduo são multidimensionais, não se pode afirmar que o saber religioso pretende oferecer respostas para as indagações da ciência psicológica, nem mesmo na perspectiva das pessoas que aderem à perspectiva religiosa, uma vez que a presença da R/E a relevância que ela assume na vida de cada fiel pode variar de indivíduo para indivíduo. Além disso, é importante destacar que, dependendo do modo e da intensidade como é praticada, a R/E pode também ter efeitos negativos. Esse desfecho vai depender de um somatório de variáveis, como a maneira como os preceitos e ensinamentos da religião são percebidos, assimilados e praticados pelos indivíduos em seu contexto de vida. O resultado também depende da flexibilidade ou rigidez do repertório com que cada indivíduo realiza a interpretação dos princípios da doutrina, segundo os sentidos produzidos no contexto no qual ele se insere.

Outro ponto a ser destacado é que a religião islâmica evidentemente não está imune às influências da cultura e de legados históricos dos países onde ela se faz presente (Rothman, 2022). A religião é a mesma, porém cada muçulmano segue seus preceitos conforme o seu olhar, sua compreensão de mundo e também de acordo com o contexto sociocultural do seu país de origem. A religião muitas vezes é transmitida de geração para geração de forma entrelaçada com outros produtos da cultura, o que, somado às diferentes personalidades e formas de interpretar o mundo, torna ainda mais ampla a diversidade de comportamentos, a despeito do arcabouço de crenças em comum.

Para aqueles que compreendem a R/E como um componente essencial e ordenador de suas vidas, faz-se necessário ampliar o uso de recursos que incluam essas dimensões. Se o aspecto religioso direciona o modo de vida do sujeito, faz sentido utilizar-se do poder de influência desses conhecimentos. Eles podem ser um recurso valioso quando se busca o processo de mudança e adoção de hábitos saudáveis. A psicologia islâmica não é um aparelho doutrinário. A psicologia islâmica não tem como escopo a imposição de crenças ou valores religiosos, mas almeja resgatar e continuar desenvolvendo as contribuições de pensadores muçulmanos no campo da psicologia, buscando desvendar os efeitos que práticas, rituais e orientações espirituais e religiosas exercem sobre os sujeitos que pertencem à comunidade muçulmana, bem como desenvolver modelos teóricos sobre o comportamento humano inspirados no saber religioso.

Referências

- ABU-RAIYA, H. Towards a systematic Quranic theory of personality. *Mental Health, Religion & Culture*, v. 15, n. 3, pp. 217-233, 2012.
- ABU-RAIYA, H.; PARGAMENT, K. I. Empirically based psychology of Islam: summary and critique of the literature. *Mental Health, Religion & Culture*, v. 14, n. 2, pp. 93-115, 2011.
- AL-KARAM, C. Y. (Ed.). *Islamically Integrated Psychotherapy: uniting faith and professional practice*. Pennsylvania: Templeton Press, 2018.
- ASHRAAH, M. M., GMAIAN, I.; AL-SHUDAIFAT, S. Sex education as viewed by Islam education. *European Journal of Scientific Research*, n. 95, v. 1, pp. 5-16, 2013.
- AWAAD, R.; ELSAYED, D.; ALI, S.; ABID, A. Islamic Psychology. A portrait of its historical origins and contributions. In: KESHAVARZI, H.; ALI, B. (Eds.), *Introducing traditional Islamically integrated psychotherapy*. New York: Routledge, 2021.
- BADRI, Malik. *The dilemma of muslim psychologists*. Kuala Lumpur: Islamic Book Trust, 2016.
- BADRI, Malik. *Contemplation. An Islamic Psychospiritual Study*. Trad. Abdul-Wahid L. London-Washington: IIIT, 2018.
- BENSAID, B., MACHOUICHE, S.; GRINE, F. (2014). A Quranic framework for spiritual intelligence. *Religions*, n. 5, v. 1, pp. 179-198, 2014.
- EL HAYEK, Samir. (Trad.). *O significado dos versículos do Alcorão Sagrado (14ª ed.)*. São Paulo: Marsam Editora Jornalística, 2019.
- ELZAMZAMY, K.; AHMED, R. M.; HASSAN, W.; EL MAHDI, M. (2021). In: HAQUE, Amber; ROTHMAN, Abdallah (Eds.), *Islamic psychology around the globe*. Seattle, Washington: International Association of Islamic Psychology, 2021.
- FAHEEM, S. *Tawakkul: the missing peace in the journey of life*. South Africa: Islamic Lifestyle Solutions, 2020.
- AL-GHAZZALI. *A alquimia da felicidade*. Trad. DANIEL, E. J. Rio de Janeiro: Fissus, 2001.
- HAQUE, Amber.; ROTHMAN, Abdallah (Eds.). *Islamic psychology around the globe*. Seattle, Washington: International Association of Islamic Psychology, 2021.
- HAQUE, A.; KHAN, F.; KESHAVARZI, H.; ROTHMAN, A. E. Integrating Islamic traditions in modern psychology: research trends in last ten years. *Journal of Muslim Mental Health*, n. 10, v.1, pp. 75-100, 2016.
- HATHOUT, Hassan. *Viagem pela mente de um muçulmano*. Oak Brook: American Trust Publications, 2014.

JOSHANLOO, M. A comparison of western and Islamic conceptions of happiness. *Journal of Happiness Studies: An Interdisciplinary Forum on Subjective Well-Being*, n. 14, n. 6, p. 1857-1874, 2013.

KESHAVARZI, H.; ALI, B. Foundations of traditional islamically integrated psychotherapy (TIIP). In: KESHAVARZI, Hooman; KHAN, Fahad; ALI, Bilal; AWAAD, R. (Eds.), *Introducing traditional Islamically integrated psychotherapy*. New York: Routledge, 2021.

KESHAVARZI, H.; HAQUE, A. Outlining a psychotherapy model for enhancing Muslim mental health within an Islamic context. *International Journal Psychology of Religion*, v. 23, n.3, pp. 230–249, 2013.

OMAR, M. N. Ethics in Islam: a brief survey. *Social Sciences*, v. 8, n. 5, 387-392, 2013.

OTHMAN, N. A preface to the Islamic personality psychology. *International Journal of Psychological Studies*, v. 8, n. 1, pp. 20-27, 2016.

PASHA-ZAIDI, N. Indigenizing an Islamic psychology. *Psychology of Religion and Spirituality*, v. 13, n. 2, pp. 194-203, 2021.

RASOOL, Hussein. *Islamic psychology: human behaviour and experience from an Islamic perspective*. London: Routledge, 2021.

ROTHMAN, Abdallah. *Developing a model of Islamic psychology and psychotherapy: Islamic theology and contemporary understandings of Psychology*. London: Routledge, 2022.

ROTHMAN, A.; COYLE, A. Toward a framework for Islamic psychology and psychotherapy: an Islamic model of the soul. *Journal of Religion and Health*, v. 57, n. 5, pp. 1731-1744, 2018.

SAHIH AL-BUKHARI, S. Good manners and form (Al-Adab). <<https://sunnah.com/bukhari:6114>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SKINNER, R. An Islamic approach to psychology and mental health. *Mental Health, Religion & Culture*, v. 13, n. 6, pp. 547-551, 2010.

SKINNER, R. Traditions, Paradigms and Basic Concepts in Islamic Psychology. *J Relig Health* v. 58, pp. 1087–1094, 2019.

SUNAN IBN MAJAH. The chapters on marriage. Recuperado de <<https://sunnah.com/ibnmajah:1977>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

TABBARAH, Afif A. *The spirit of Islam: doctrine and teachings* (H. T. Shoucair, Trad.). Beirut: Dar el-Ilm Lil-Malayin, 2001.

YASIEN, Mohamed. *Fitra: The Islamic concept of human nature*. London: Taha Publishers, 1996.

Submetido em: 21/03/2022

Aprovado em: 31/08/2022

Editor responsável: Mariana Albertini